

## Exegese vétero-testamentária e sua contextualização na realidade

Erhard S. Gerstenberger

A quem se compara o exegeta? Ele não é lenhador, não é mestre-escola, nem engenheiro, se bem que vez por outra ele sinta certa afinidade com essas profissões. Antes deveríamos situá-lo nas proximidades do jardineiro, compositor ou astronauta. Ou será que o seu lugar estaria perto do Pequeno Príncipe, que afinal tem uma relação muito especial com a realidade?(1) O intérprete da escritura lê uma barbaridade de coisas,(2) e aquilo que ele julgar ter entendido, ele transmite a outras pessoas, entrando assim na contínua formação de realidade. Por outro lado, ele recebe o cunho do seu meio-ambiente. Sua exegese impreterivelmente o trai como filho de sua época e de sua localização na estrutura social. Que o exegeta e a exegese, de um lado, e a realidade historicamente condicionada e atual, de outro, se acham, portanto, numa relação mútua, não é segredo nem carece de demonstração especial.(3) Todo exegeta tem seu "lugar vivencial"; só que a pergunta candente é: Como é que a realidade vivencial que o produziu e da qual ele mesmo é peça viva, condiciona seu modo de viver e de pensar, e até que ponto seus enunciados exegéticos sofrem um estreitamento condicionado pela época e pelo ambiente? E em que direção devemos corrigir, extrapolar ou desenvolver esses seus enunciados no trabalho de interpretação conjunta? Quando o Professor Alonso Schokel me perguntou, em 1981, se eu podia assumir uma palestra no Congresso Mundial de AT, eu ainda vivia e trabalhava no sul do Brasil. Com esse convite ele quis proporcionar um rol mais importante à experiência de realidade no continente latino-americano, a qual talvez seria relevante para os estudiosos do Antigo Testamento. Isto porque tragicamente os exegetas do "Terceiro" e "Quarto" mundo via de regra não estão em condições de participar de conferências internacionais. E os colegas exegetas do "1º e 2º mundo" não sentem lá grande necessidade de entrar em diálogo com eles. O quanto estiver na minha capacidade, após um período de seis anos como professor no Brasil, pretendo analisar, portanto, os diversos modos de contextualização na realidade, caracte-

1 SAINT-EXUPÉRY, A. de. *O Pequeno Príncipe*. Paris, 1946

2 G. von Rad descreve com magistral concentração a tarefa de sua vida como sendo "aprender a ler e a ensinar a ler" (WOLFF, H. W. (ed.). *Probleme biblischer Theologie*. München, 1971, p. 659).

3 Todos os estudos sobre história da pesquisa permitem entrevistá-lo, mesmo que seus autores não expressem abertamente essa reação; Cf. por exemplo KRAUS, H. J. *Geschichte der historisch-kritischen Erforschung des Alten Testaments*. Neukirchen 1956; HAHN, H. F. *Old Testament in Modern Research*. Philadelphia, 1956; HASEL, G. *Old Testament Theology: Basic Issues in the Current Debate*. Grand Rapids, 1972, 5ª ed. 1975; HAYES, J. H. (ed.). *Old Testament Form Criticism*. San Antonio, 1974.

rísticos da ciência vétero-testamentária nos países industrializados e em suas antigas colônias. Talvez possa dar assim uma pequena contribuição no sentido de tornar mais permeáveis as frentes entre os hemisférios. Afinal de contas um congresso internacional de exegetas do Velho Testamento não pode ser, só por causa do seu tema (cf. Dt. 15.4 e muitas outras passagens), o encontro dos auto-eleitos e se deleitarem gastronômica e intelectualmente em mesas ricamente postas, para atirar uma ocasional lasca de pão ao pobre Lázaro.

## 1. QUE É REALIDADE?

O esforço por incluir justo a realidade na discussão exegética corre o perigo de fracassar já de saída. Afinal o que é "realidade"? Qual entre as centenas de modelos de encarar a realidade servirá de base para nós? Abrem-se à nossa frente mais que dois mil anos de confusa história de um problema filosófico e teológico fundamental. O empenho cognitivo do Ocidente pode ser resumido na pergunta pelo verdadeiro ser, pela essência mais profunda das coisas e por seu sentido último. Até a Alta Idade Média os pensadores viviam e laboravam inseridos numa realidade poderosíssima, porém acessível e íntegra. Em vista das descobertas geográficas e na área das ciências naturais, eles se livraram violenta e ousadamente dos antigos vínculos. A clareza intelectual da Renascença, a pujança do Barroco, a crença da era tecnológica no progresso exemplificam a mudança de relação do ser humano com o mundo.<sup>(4)</sup> Do ser humano? Digamos mais exatamente: Uma fina camada instruída e abastada experimentava agora a realidade como objeto (*Gegenüber*) manipulável, criando assim as condições para uma transformação planejada do mundo como hoje a vivenciamos. Personagens da literatura como Peter Schlemihl, Doktor Faustus, Homo Faber representam a auto-consciência moderna, titânica; Don Quixote já é um verdadeiro anti-herói, tal qual, em outro plano, Asterix mais tarde entre os super-homens. Porém: Por mais fascinante que seja a grande história da cultura ocidental com suas múltiplas respostas à pergunta pela realidade, será que ela poderá oferecer ao exegeta do Antigo Testamento uma definição prestável daquilo que ele deve reconhecer como realidade? Sem dúvida, mesmo o cientista bíblico que vive num país industrializado forçosamente terá que se reconhecer membro de uma sociedade titânica e autodestruidora. Esta, entretanto, não pode constituir-se em realidade que sirva de critério para ele; contra isso já advertem Gn 3 e 11. A razão por que o Antigo Testamento não pode ser colocado em relação com o homem autônomo, individualmente isolado e sequioso de poder como ele aparece nos sonhos ocidentais, está menos na tão controvertida diversidade das

---

4 Também nas ciências humanas é preciso discutir hoje a questão se o ser humano é capaz de sustentar e preencher a posição por ele conquistada; cf. PLACK, A. *Die Gesellschaft und das Böse*. München 1967; RICHTER, H. E. *Der Gotteskomplex*. Hamburg 1979.

estruturas intelectuais israelitas e gregas,(5) que mui simplesmente no seguinte fato: A moderna concepção de realidade, que forçosamente implica o domínio sobre outros, é sempre o privilégio de uma fina camada social superior. Até hoje a pessoa "normal" vive preponderantemente em sua esfera pessoal.(6) Se for este o caso, proíbe-se nos projetar preferencialmente o Antigo Testamento sobre o nível superior de realidade estatal e social global, e isto por duas razões: Por uma, a maioria das pessoas para quem interpretamos a mensagem da escritura, afinal de contas, de modo algum se encontra dentro daqueles abstratos salões de verdades conceituais genéricas, e sim nas casas e casebres da existência cotidiana "inferior". Por outra, o Antigo Testamento jamais esteve supostamente destinado primordialmente aos pensadores e dominadores, mas sim ao povo comum em suas festas e cultos, na comunidade da família e do povoado. Somente quando estiverem suficientemente elucidados esses pontos de referência sociais dos textos vétero-testamentários, é que poderemos falar sobre diversos modos de pensar (quem sabe também James Barr concordará com isso).

Em seu testemunho de fé muito amplo e estratificado, o Antigo Testamento trata, portanto, primeiro e antes de mais nada da *vida* humana, em sua forma elementar como ela se desenrola nos graus primários de organização na evolução social, isto é, na família, no clã, na vizinhança.(7) Historiografia nacional, legislação sacerdotal central, especulação sapiencial-cosmológica, hipóstases do povo eleito — todos esses, pontos fixos para nós em termos de exegese e teologia vétero-testamentária — são fenômenos secundários. Em parte foi apenas em retrospectiva que eles encobriram enunciados de fé originários do pequeno grupo.(8) Ponto central do Antigo Testamento é a vida constantemente ameaçada, a ser conquistada, sempre de novo concedida e

---

5 Cf. BOMAN, T. *Das hebräische Denken im Vergleich mit dem Griechischen*. 2ª ed. Göttingen, 1954; BARR J. *The Semantics of Biblical Language*. Oxford 1961.

6 Isto se mostra em toda sorte de resultados de pesquisa junto ao público, pesquisas de opinião e investigações sociológicas específicas. Nos últimos anos desenvolveu-se a pesquisa de pequenos grupos; cf. por exemplo BATTEGAY, R. *Der Mensch in der Gruppe*. Bern, Stuttgart, Wien, 1974. Notável é também a ênfase do praxis e do cotidiano na pesquisa sociológica; cf. HAMMERICH, K. e KLEIN, M. (ed.). *Materialien zur Soziologie des Alltags*. Opladen, 1978. Entram também nessa perspectiva as formas de organização que transcendem o grupo elementar; cf. KONIG, R. *Grundformen der Gesellschaft: Die Gemeinde*. Hamburg, 1958.

7 Não é por menos que somente em época mais recente foram redescobertos os grupos primários na ciência vétero-testamentária; Cf. ALBERTZ, H. *Persönliche Frömmigkeit und offizielle Religion*. Stuttgart 1978; ROSE, M. *Der Ausschliesslichkeitsanspruch Jahwes*. Stuttgart, 1975; GERSTENBERGER, E. S. *Der bittende Mensch*. Neukirchen-Vluyn, 1980; ROGERSON, J. W. *Anthropology and the Old Testament*. Oxford, 1978.

8 As grandes obras de coleta e elaboração no Antigo Testamento tais como o Javista, a Obra Historiográfica Deuteronomística, o Escrito Sacerdotal, a Obra Cronista, processam todas elas material mais antigo, em parte proveniente de camadas bem diferentes das dos seus autores, cf. por exemplo SCHMIDT, W. H. *Einführung in das Alte Testament*, 2ª ed. Berlin, 1982; RENDTORFF, E; *Das Alte Testament*. Neukirchen-Vluyn, 1983. Nos Salmos também se pode observar a assimilação de textos antigos, em parte cananeus,

salva, vida essa que, a seu tempo naturalmente também cria instituições mais abrangentes e que é englobada pelas mesmas. Ocorre, porém, que essas instituições, sejam elas Israel, o reinado, o templo, não são a realidade fundamental. Elas permanecem construções auxiliares, cisternas em que confluem o sofrimento e a alegria, o culto e o direito do indivíduo em seu grupo. Primária não é a organização superior, mas a vida genuína cotidiana. Via de regra a perspectiva dos teólogos veterotestamentários está dirigida de baixo para cima. No fundo, Gerhard Ebeling, portanto, tem razão ao citar Henri Perrin: A teologia se vê hoje na "necessidade de penetrar cada vez mais fundo na vida, onde ela é a mais miserável e comum." (9) Ebeling quer levar a sério a realidade por saber muito bem quão pouco ela vale na teologia alemã. Neste ponto os teólogos latino-americanos estão claramente na dianteira. Sua reflexão começa pela realidade, na vida. Não uma realidade qualquer! Eles partem da nova vida que se desenvolveu na igreja pós-conciliar e, além disso, justamente nas paupérrimas comunidades de base. Eles partem da "atuação de Deus na história" — diríamos em nosso linguajar, se é que tivéssemos a coragem e a fantasia de reconhecer o agir de Deus em nosso tempo. Carlos Mesters, por exemplo, inicia sua interpretação dos cantos do servo de Deus com a história de Terezinha. No Rio de Janeiro esta jovem mulher, pobre e desempregada, quer tratar o seu bebê gravemente enfermo. Nenhum médico, nenhum hospital a acolhe porque ela não pode pagar, nem tem carteira do INPS. À noite ela volta de ônibus para a favela. A criança morre no colo dela. É o retrato de um momento na história de sofrimento desse continente, o qual passa a ser realidade válida através da interpretação. Pois bem mais tarde Terezinha diz a uma irmã que trabalha na comunidade: "Somos pobres, não sabemos nada. A única coisa que sobra para nós neste mundo, é sofrer. . . Um dia isto vai mudar! Deus ajuda a gente como nós." (10) O sofrimento indescritível e a esperança inexplicável da população mais miserável são ponto de partida para todo trabalho teológico dos teólogos latino-americanos da libertação. (11) Ali é que está a realidade que também o exegeta de escritos veterotestamentários precisa conhecer, à qual ele tem que se referir se quiser fazer jus ao testemunho bíblico. Nós conjecturamos e afirmamos provisoriamente que: Cada exegeta parte de uma realidade alheia ao texto, ao se pôr a interpretar. No hemisfério norte ela é primordialmente um sistema englobante, e no hemisfério sul, a vida sofrida e mesmo assim cheia de esperança.

9 EBELING, E. Hauptprobleme der protestantischen Theologie in der Gegenwart. In: *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Tübingen, 58(1): 136, 1961.

10 MESTERS, C. *Missão do povo que sofre*. Petrópolis, 1981. Um caso único deste tipo já basta para questionar toda a sociedade humana. Ocorre que eles acontecem constantemente aos milhões.

11 Teólogos da libertação como G. Gutierrez, M. Bonino, L. Boff, H. Assmann, J. de Santa Ana dão grande ênfase ao convívio próprio com a população pobre, e o praticam eles mesmos. Cf., a título de exemplo, MESTERS, C. *Seis dias nos porões da humanidade*. Petrópolis, 1977; MONDIN, B. *Os teólogos da libertação*, São Paulo, 1980 (original italiano: *I teologi della liberazione*, Roma 1977).

## 2. O DECLIVE TEOLÓGICO SUL-NORTE

Generalizações são perigosas, pois para cada afirmação podem ser apresentadas teses em contrário. Eventos e pensamentos são ambivalentes. Mesmo assim quero afirmar de consciência tranqüila que no hemisfério norte na maioria das vezes se argumenta e se faz um juízo do geral para o especial, do próprio sistema para fora, de cima para baixo. Apesar de professar repetidas vezes o método histórico-crítico, a exegese vétero-testamentária participa desse procedimento dedutivo. Não faz muita diferença se o horizonte conceitual de um exegeta qualquer venha a ser classificado como platônico, aristotélico, existencialista, lingüístico, estruturalista, sociológico, etc. Os intérpretes do norte partem consciente ou inconscientemente de concepções de realidades já dadas, por vezes absolutizadas e tabüizadas. Nos textos vétero-testamentários eles procuram e encontram aquilo que corresponde a seu modo de ver as coisas, dispondo de pouca margem para descobrir a realidade em si.

Na minha percepção, os exegetas latino-americanos estão, como disse, muito mais próximos da verdadeira realidade. Mas também eles trabalham naturalmente com esquemas de pensamento, metas concebidas, esboços sistemáticos. Acaso poderia ser diferente, visto que o processo cognitivo em si representa a avaliação e recepção de novidades em experiência já existente?(12) Tanto é que entre os colegas latino-americanos também se encontram os conhecidos modelos da história salvífica bíblica, teologia do pacto e cristologia.(13) Porém há duas diferenças cruciais: Na exegese latino-americana os conceitos gerais e esquemas de pensamento estão preenchidos de forma bem diferente. Ao que tudo indica, isto está condicionado pela maior proximidade à vida concreta e pelo fato de todo o movimento bíblico ter um acento mais profundo nas comunidades. Em segundo lugar, nossos colegas na América Latina estão dispostos, em grau surpreendente, a confrontar suas intuições exegéticas com a realidade vivida bem como a aprender com os leigos.

Permitam-me esboçar essas diferenças em alguns pontos importantes. Nisto desistiremos de documentação detalhada.

---

12 O fato de um sistema de coordenadas e de valores em grande parte dado na sociedade e aprendido por cada indivíduo em seu grupo (socialização!) ser a premissa para toda cognição, é uma das noções fundamentais da psicologia e da antropologia; cf. também BERGER, P. *The Social Construction of Reality*, 1969.

13 Surpreende a naturalidade com que se adotam, em parte, modelos de pensamento dos chamados 1º e 2º mundos. Cf. CROATTO, J. S. *Historia de la Salvación*. 3ª ed. Buenos Aires, 1968; MESTERS, C. *Deus, onde estás?* 5ª ed. Belo Horizonte, 1976; GUTIERREZ, G. *La fuerza histórica de los pobres*, 1979, capítulo 1. Uma tentativa tímida de elaborar uma sistemática própria, sociologicamente fundamentada: PIXLEY, J. V. *Pluralismo de tradiciones en la religión bíblica*. Buenos Aires, 1971.

a. Quem lida com textos, querendo ou não, precisa ocupar-se com a origem desses textos, com a realidade humana que está atrás deles. É verdade que, fora os grupos evangélicos, existem também no mais tendências de dar uma independência teológica ao texto bíblico ou de dar pouca consideração à sua história da tradição e da redação. Porém, mesmo o mais abstrato entre os teólogos impreterivelmente topará alguma vez, em seu trabalho de interpretação, com pessoas reais que tiveram participação decisiva na criação do texto. Nestes casos aparece todo o poder de influência da realidade habitual. Assim, por exemplo, se infere que Miquéias a rigor deveria conhecer Isaías, Oséias e Amós, assim como o colega X toma conhecimento do colega Y. Consta que redatores bíblicos estariam operando a jeito de professor de teologia que lê provas de correção. Ou salmistas e pregadores levíticos, mestres sapienciais e legisladores ali operam munidos de recursos instrumentais comparáveis a uma biblioteca de seminário teológico de tamanho médio ou ao menos tendo à sua disposição as análises conceituais de um bom dicionário teológico. Em suma, o exegeta de hoje faz influir em sua avaliação dos antigos autores e grupos de tradição a sua própria experiência, aquela que ele mesmo faz ao compor textos, ou seja, a produção de literatura para gente instruída, uma produção individualista, competitiva, ligada a certos objetivos racionais. Raras vezes e a muito custo alguém embarca numa tentativa de entender as condições peculiares e muito estratificadas de surgimento dos textos vétero-testamentários.

Também os exegetas latino-americanos se encontram sob a influência de sua experiência, razão por que também entre eles há, por vezes, deturpações da realidade antiga. Mas eles não estão presos a rituais acadêmico-científicos. Eles possivelmente vivenciam na rua o autor de literatura de cordel, que espontaneamente entretem seus ouvintes com versos sobre os acontecimentos do momento. Eles conhecem rituais e coleções de mitos dos índios. Em sua maioria, estão engajados em tempo parcial no trabalho prático da comunidade. E antes de mais nada eles vivenciam o modo vivo com que as comunidades de base lidam com as tradições bíblicas. Por isso a questão dos autores e dos portadores de tradição para eles se resolve de forma bem diferente. Agente importantíssimo de todo o processo de surgimento, tradição e interpretação de textos bíblicos é o povo. Autores individuais igualmente apenas são concebíveis em seu confronto e convívio com o grupo comunitário israelita. Naquela época tanto quanto hoje, pobreza e sofrimento são experiências fundamentais da comunidade. (14)

---

14 A grande ênfase sobre a práxis e a relação com a vida concreta tem profundas raízes na tradição católica. Os protestantes, por sua vez, precisam ocupar-se com a pergunta se uma teologia de revelação e da palavra corretamente entendida não precisa justamente de um critério na verdadeira realidade; cf. GALILEA, S. *La teología de la liberación después de Puebla*, 1979; BOFF, L. e BOFF, C. *Da libertação*, Petrópolis, 1979; BONINO, J. M. *La fé en busca de eficácia*. Salamanca, 1977; ALVES, R. *Tomorrow's Child*. New York, 1972.

b. Uma das freqüentes críticas dos teólogos latino-americanos é de que os exegetas do hemisfério norte usam lentes elitistas ao verificarem quais temas vétero-testamentários merecem ser tratados. É verdade que em nossas latitudes apenas raramente se toma como tema aqueles assuntos quentes para a América Latina como "opressão", "pobreza", "alienação", "sofrimento", "libertação", "alegria", "gratidão", "vida". Parece bem característica a distribuição dos temas analisados na *Zeitschrift für alttestamentliche Wissenschaft* desde 1965. De "libertação" e "salvamento" tratam quatro artigos principais, quando na verdade a "ação salvífica de Javé" (C. Westermann) tem importância primordial no Antigo Testamento. O sofrimento é tema de três ensaios. Sobre "pobreza" e "marginalização" há um ensaio; e ao tema "revolução", que, mesmo com outro enfoque, é assunto quente também nas sociedades do bem-estar social, é dedicado um artigo. Do outro lado temos as contribuições que se ocupam com os aspectos "poder", "dominação" ou com líderes de Israel. Estas perfazem 42; acrescentam-se 26 artigos dedicados especialmente ao reinado ou a reis individuais. Sobre o culto a Javé e seus locais há 22 artigos principais, sobre questões de lei, direito e ordem, 22; sobre salvação (*Heil*), eleição e propriedade, outros 6. Mesmo que este levantamento confira apenas em termos aproximados, salta aos olhos a grande concentração sobre problemas da camada social superior. Passando em revista temas de tese, séries de monografias, registros em obras-padrão na ciência vétero-testamentária, chegar-se-ia a um resultado semelhante. (15) Mas na verdade onde está o peso temático maior das obras vétero-testamentárias? Os latino-americanos, alguns africanos e asiáticos, assim como bem poucos americanos e europeus respondem: O Antigo Testamento reflete sobretudo a história do povo oprimido e liberto e — no quanto a libertação definitiva ainda está por vir em cada caso — a história da justiça vindoura de Deus. Outros pesquisadores, como por exemplo Walter Brueggemann, (16) vêem duas linhas paralelas estendendo-se ao longo de todo o Antigo Testamento: A luta revolucionária pela libertação e as tendências dinásticas e sacerdotais no sentido de preservar o que está aí. E muitos dos nossos professores do Antigo Testamento em nosso hemisfério nem querem ser confrontados com os temas pobreza e opressão. Seria uma reação de defesa instintiva? Onde está a verdadeira realidade?

c. Nas disciplinas "História de Israel" e "Teologia do Antigo Testamento" fica bem claro o mesmo contraste entre interpretação meridional e sententrional. É verdade que, por um certo respeito para com as culturas mães, os teólogos latino-americanos se atêm formalmente a

---

15 Teses e monografias voltadas para o oprimido e suas experiências procedem muitas vezes ainda de doutorandos do "Terceiro Mundo"; cf. SCHWANTES, M. *Das Recht der Armen*. Frankfurt, 1977.

16 BRUEGGEMANN, W. Trajectories in Old Testament Literature and the Sociology of Ancient Israel. In: *Journal of Biblical Literature*, 98(1): 161-185, 1979.

certos esquemas histórico-salvíficos e dogmáticos. Mas à arquitetura dos seus pensamentos eles dão outro fundamento e outro teor. Os conceitos vétero-testamentários são preenchidos com base na experiência da realidade. "Opressão" sinaliza toda dominação de pessoas sobre pessoas, particularmente a dependência e exploração econômicas. "Pacto" representa a solidariedade preferencial ou exclusiva de Deus com os pobres desta terra. "Justiça" é um atributo do domínio de Deus, sendo este congruente com a sociedade verdadeiramente humana. "Libertação" quer dizer a luta ativa contra as camadas superiores nacionais e internacionais que, sem quaisquer escrúpulos, se enriquecem à custa dos pobres. "Salvação" ("Heil") é a vida prometida, na qual violência e dominação estão superadas, e reinam livremente o regozijo e o amor. Deveras uma imponente visão da história, legitimada a partir da realidade dos chamados países em desenvolvimento bem como de muitos enunciados vétero-testamentários.

Do outro lado observamos, na maioria dos esquemas da história de Israel e da teologia do Antigo Testamento concebidos no norte, uma perigosa tendência no sentido de absolutizar o próprio plano teológico e identificá-lo com a realidade. Assertivas categóricas (*Ist Aussagen*) sobre grandezas abstratas como "Israel", "o Antigo Testamento", "a palavra de Deus" são características disto. Porém, entretantes existem sérias ressalvas contra as usuais construções da história da salvação segundo a experiência de fé israelita, construções essas inspiradas pelo triunfalismo. "Pacto", "pretensão de exclusividade de Javé", "primeiro mandamento", "palavra de Deus" e conceitos semelhantes não mais podem ser vistos sem mais nem menos como fundamento atemporal dos textos históricos.(17) As constatações a se repetirem indefinidamente, de ser Javé sujeito de enunciados verbais decisivos bem como o único que atua na história (cf. Is 7.4; 30.15; 2 Cr 20.20-22) são absurdos como preceitos éticos e certamente se baseiam numa avaliação errônea dos textos relevantes, bem como da realidade hodierna. Pelo menos a linguagem dos salmos faz questionar a imagem prevalente de um Deus autoritário, que vive da exigência de obediência.(18) É com razão que teólogas feministas atacam a adoção acrítica de concepções patriarcais.(19) Vemos, portanto, que a verdadeira realidade marca presença mesmo nas teologias tradicionais e abala edifícios de idéias aceitos e instalados.

---

17 Cf. PERLITT, L. *Bundestheologie im Alten Testament*. Neukirchen-Vluyn, 1969: LANG. B (ed). *Der einzige Gott*. München 1981.

18 Deus originalmente faz parte do clã; cf. ROGERSON, op. cit., pp. 86ss. Para os teólogos da libertação, o ato libertador de Javé é de importância primordial, cf. GERSTENBERGER, E. S., Deus libertador, In: GERSTENBERGER, E. S. (ed.). *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo, 1981, pp. 9-29.

19 Com a maior radicalidade DALY, M. *Beyond God the Father*. Boston 1973; cf. GERSTENBERGER, E. S. e SCHRAGE, W. *Mulher e homem*. São Leopoldo, 1981.

### 3. EXEGESE E PODER

Precisamos perguntar agora pela função da realidade concebida, para depois perguntar pela função da verdadeira realidade. O edifício de idéias que concebemos como base em nossa limitada cognição da realidade tem em primento lugar um sentido noético. Sem esse modelo daquilo que consideramos realidade tornam-se impossíveis as cognições e a comunicação. Até aqui tudo bem. Ocorre, porém, que nossa razão realiza mais, ao elaborar um sistema. Segundo Rubem Alves,(20) a *ratio* filtra a imensa quantidade de impressões para delas extrair os elementos aproveitáveis para nós, insere-os no modelo subjetivo de mundo e suprime ao mesmo tempo emoções estorvantes e elementos estranhos que pudessem prejudicar o próprio edifício. Todo esboço sistemático, mesmo aquele que é necessário para a exegese vétero-testamentária, tem efeito tranqüilizante e estabilizador para dentro de si mesmo. Ele finge realidade. Para fora, ele precisa comportar-se com rejeição e até agressão, para que tudo que não seja integrável fique do lado de fora. Isto explica as tão apreciadas batalhas de rodapé em publicações científicas.

Mas o que é válido para o exegeta individual, confere também no caso de grupos e escolas entre colegas de cadeira. O lar intelectual comum deve ser santificado e defendido contra ataques de fora. Finalmente existem modelos de comportamento semelhantes também na relação global entre norte e sul, só que neste plano tudo fica mais encoberto e malévolo pela deficiência dos contatos e falta de experiência comum de vida. Os exegetas dos países industrializados muitas vezes torcem o nariz por causa da ingenuidade, falta de cientificidade e irresponsabilidade teológica dos colegas "lá embaixo". Estes, por seu turno, se rebelam contra a tutela do norte. Em nós eles por vezes enxergam os usufrutuários e partidários de uma ordem econômica desumanizante, ou liberais presunçosos a propagarem um cínico *laissez faire* baseados numa posição de poder incontestável.

Mais uma vez será bom colocar-se, por um momento, do lado daqueles que experimentam "de fora" o nosso sistema. Quando, em nossa interpretação do Antigo Testamento, poder e ordem, obediência e abstinência política são colocados num primeiro plano de uma forma que não lhes cabe, quando subliminarmente praticamos uma *theologia gloriae* a assegurar a nossa própria existência, então de fato não deixará de haver um efeito de apoio em favor do sistema econômico vigente entre nós, sob o qual estão se arruinando os chamados países em desenvolvimento. Pensemos apenas no papel que o Antigo Testamento desempenhou na formação da ética econômica capitalista.(21)

---

20 ALVES, R. Protestantismo e repressão. São Paulo 1979, p. 84ss.

21 Em WEBER, M. *Gesammelte Studien zur Religionssoziologie*, v. I e III isto não se evidencia diretamente porque ele considera os judeus um povo de párias. Cf. GUNNEWEG, A. H.

Torna-se inevitável uma pergunta crítica de esclarecimento: Que dizem os testemunhas vétero-testamentários a respeito do poder e da dominação? Deixemos de lado respostas extremas e voltemo-nos à opinião corrente de que o Antigo Testamento simplesmente é contraditório em si mesmo. Por um lado ele estaria prescrevendo dominação — seja como dominação de Deus ou como dominação de reis, homens, sacerdotes —, quando, por outro, ele questionaria novamente essa estrutura autoritária. Somos criticados justamente pela ambigüidade dessa resposta, uma vez que levanta suspeitas de auto-justificação. Seria sustentável essa resposta dupla, no quanto ela ultrapasse a constatação histórico-crítica? Creio que não. Sem dúvida há textos no Antigo Testamento que conceituam positivamente dominação divina e humana.(22) Mas quais foram as constelações sociais e políticas que lhes deram origem? Será que essas concepções de domínio seriam aplicáveis à nossa situação de hoje? E aquela outra linha de testemunhos vétero-testamentários, segundo a qual Deus se solidariza com os que estão privados dos seus direitos, com os explorados,(23) não estaria ela muito melhor representada? O que impressiona não é apenas a grande quantidade de abonações, mas a tendência oposta à natureza humana bem como a fundamentação teológica muitas vezes enfatizada. Não obstante permanecem visíveis no Antigo Testamento ambos os troncos: apoio e rejeição da dominação de pessoas sobre pessoas.

Nesse beco sem saída exegético e teológico somente uma análise atualizada da realidade é que pode levar a uma decisão. Consciente ou inconscientemente, cada processo de interpretação implica uma imagem daquela realidade para a qual se está interpretando. Nossos colegas latino-americanos exigem agora que se ponha a descoberto essa imagem e se reflita sobre ela. Será que podemos aplicar de alguma maneira as estruturas de dominação do Velho Testamento? A julgar por todas as informações atuais a nosso alcance, somente podemos avaliar da seguinte maneira a presente situação do mundo, no meu entender: As estruturas tradicionais de dominação e economia já levaram à catástrofe final — em forma de miséria das massas, destruição do meio-ambiente, sexismo, racismo, corrida armamentista, guerras e genocídios. Elas demonstraram ser, portanto, hostis a Deus e ao ser humano, não podendo, por isso, entrar em cogitação como parâmetros de interpretação. Antes da catástrofe de 587 a.C., o reinado de Israel ainda merecia crédito (cf. Jr 22.13), mas foi depois completamente rejeitado (cf. 2 Rs 17.7ss; 23.26s); da mesma maneira, a julgar pela situação atual, precisamos descartar teologicamente como imprestáveis e pecaminosos até à medula os sistemas de dominação econômica e política que conhecemos.

---

J. *Vom Verstehen des Alten Testaments*. Göttingen, 1977, p. 92ss; FOHRER, G. *Theologische Grundstrukturen des AT*, Berlin, 1972, pp. 206-260.

22 Cf. por exemplo Gn 1.28; 2 Sm 7; Sl 2; Is 49.22s; Ez 34.

23 Cf. Gn 4.15; Êx 3.16s; Lv 19.14; 25.43; Dt 15.4,11; Am 2.6-8; 5.11-12; Sl 10; 37; Is 5.8; Jr 22.3; Is 53.6-9; Ne 5; Pv 14.31 etc.

Neste exemplo se revela a importância crucial na verdadeira realidade. Em suas preleções, Carlos Mesters costuma desenhar em triângulo, no quadro, os três fatores “testemunho da escritura”, “Deus”, “realidade”. A escritura aclara a realidade, e à luz da realidade lemos a escritura. Em ambos os pólos, porém, atua Deus.<sup>(24)</sup> Segundo a sofrida experiência das pessoas dos “Terceiro” e “Quarto” mundos, na qual pereceram centenas de milhões como o filho da Terezinha — a dominação da pessoa humana sobre a pessoa humana virou pecado por excelência.

#### 4. INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA APÓS A CATÁSTROFE

Como é que podemos fazer teologia e exegese vétero-testamentária hoje, na era pós-apocalíptica? Algumas teses concluirão provisoriamente a nossa reflexão.

a. Existem muitos modelos de realidade. O trabalho interpretativo é motivado pela realidade existente, na qual se encontra o exegeta. Esse trabalho busca a renovação do mundo que se entregou à morte, isto é, a realidade libertadora de Deus.

b. Essa realidade genuína, digna de Deus e do ser humano, pode ser percebida também no fundo dos textos vétero-testamentários. Nela é que se devem medir, portanto, o exegeta e o texto.

c. Em contraste com os primórdios de Israel, “realidade” hoje precisa ser um conceito universal. Ele contém “salvação” e “vida” (justiça, paz, amor, esperança, etc.) para todas as pessoas humanas.

d. Para analisar a situação mundial, o exegeta se serve de todos os resultados de investigação científica que estejam a seu alcance. Ele os pesa e avalia com base na escritura e na tradição.

e. A solidariedade com os fracos, já prometida, em parte realizada, e enfaticamente exigida no Antigo Testamento, abre os nossos olhos para a sina de dois terços da humanidade condenados à morte no sistema econômico atualmente praticado.

f. O inconcebível sofrimento da maioria da humanidade, o qual garante a uma minoria um bem-estar muito acima da média (e com o qual por isso não se pode acabar sob as condições vigentes), produz intuições e experiências espirituais imprescindíveis para a transformação deste mundo num mundo humano.

g. O exegeta precisa conscientizar-se de sua própria compreensão da realidade e procurar reconhecer a verdadeira realidade ao fundo dos textos e do seu próprio meio ambiente. Sua experiência de vida e sua prática de fé são altamente decisivas para a relação que ele obterá com a realidade libertadora de Deus.

*(Trad. Walter O. Schlupp)*

---

24 Cf. MESTERS, C. *Por trás das palavras*. Petrópolis 1974; idem, *Um vento começa a soprar: Um estudo sobre o uso da Bíblia na Igreja* (polígrafo mimeografado, sem indicação de data e lugar), p. 6s.